A LUTA TAMBÉM FOI DELAS? AS REPRESENTAÇÕES SOBRE AS MULHERES NO EMBATE CONTRA A DITADURA MILITAR NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA

JULIANA BORGES

RESUMO
A forma como as mulheres são representadas nas diversas formas de luta e embates contra a Ditadura Militar nos livros didáticos de História atuais, bem como a forma que este assunto é abordado ou excluído neste tipo de produção. Compreender como a produção didática se situa em relação ao PNLD (Programa Nacional do Livro Didático), visto que esse possui papel fundamental na produção e distribuição dos livros didáticos, uma vez grande parte do mercado consumidor desses livros constitui-se de escolas da rede pública, logo a aprovação no PNLD é um ponto fundamental para o sucesso de venda das editoras A principal fonte utilizada serão os livros didáticos de história para o ensino médio. Trabalharemos com três coleções didáticas aprovadas pelo PNLD/2012. O estudo é baseado na análise das coleções didáticas "Novo Olhar: História", "História das Cavernas ao Terceiro Milênio" e "História em Debate", observando como os autores abordam o tema da ditadura militar e a participação das mulheres nesse período. Analisamos como as mulheres são representadas de forma secundária nos livros didáticos. A abordagem sobre a ditadura militar é predominantemente crítica, enfatizando aspectos como repressão, censura, tortura e morte. As mulheres são mencionadas mais em anexos ou textos suplementares do que no corpo principal dos capítulos sobre a ditadura. A presença de imagens de homens é mais frequente do que de mulheres, mesmo em capítulos que tratam especificamente de temas femininos. A materialidade dos livros didáticos, incluindo a seleção de imagens e a estrutura dos conteúdos, desempenha um papel importante na perpetuação dessas representações.

PALAVRAS-CHAVE: livro didático; PNLD; ensino de história; ditadura militar

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é o de analisar a relação entre a materialidade de três coleções didáticas aprovadas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) 2012 voltadas ao ensino médio e o modo como incide nas representações das mulheres no embate contra a ditadura militar (1964-1985), são elas: a coleção Novo Olhar: História dos autores Adriana Machado Dias, Keila Grinberg e Marco Pellegrini da Editora FTD; a coleção História das Cavernas ao Terceiro Milênio dos autores Patrícia Ramos Braick e Myriam Becho Mota da Editora Moderna; e a coleção História em Debate dos autores Rosiane de Camargo e Renato Mocellin da Editora do Brasil.

A escolha do ensino médio para abordar essa questão se justifica porque é nesta fase da aprendizagem que os conteúdos históricos escolares estão mais sedimentados, bem como as representações sociais sobre a história e, sobretudo, de gênero, classe, etnia, entre outras. É imprescindível verificar como os autores dessas coleções enfrentam ou não essas representações, visto também que é menor o número de trabalhos acadêmicos que analisam os livros didáticos de história para o ensino médio e a relação entre materialidade dos impressos e as concepções que veiculam. Porém, é preciso adiantar que mesmo em livros didáticos de história para o ensino fundamental II (de 6º a 9º anos), com maior tradição editorial no Brasil, as conclusões não são nada animadoras:

(...) deve-se considerar que esses livros possibilitam um pequeno começo na abordagem da mulher no material didático de História, e os autores reconhecem a presença dessa discussão historiográfica, embora não escolham marcantemente o tema na definição dos conteúdos, apesar de ser isso possível. Os textos aparecem como informação complementar, para serem vistos rapidamente, ainda que o trabalho seja respeitoso. Pode-se perceber, enfim, que a pressão política e social dos movimentos das mulheres acaba por produzir a noção “politicamente correta” ou “moderna” da necessidade de introduzir

a temática feminina nos materiais didáticos. Mas a forma pela qual essa representação ocorre indicia que a constituição da sequência canônica de conteúdos, com raízes no século XIX, compõe um núcleo pouco permeável de informações/conhecimentos, sobre a qual as "modernizações" acabam por gerar apêndices, e não uma transformação intrínseca ao modo de selecionar conteúdos e contar a História do Brasil (...). De um modo geral, o aspecto político e econômico continua sendo a principal linha de explicação e articulação do conteúdo, ainda que algumas "novidades" sejam incorporadas. Ou seja, o público, o oficial e os "grandes" nomes da História continuam com lugar assegurado, enquanto mulheres, assim como pobres, as crianças e os negros, como não estão efetivamente presentes na vida pública, continuam de fora, ou, no máximo, entram como parte complementar, fora do texto principal, na maioria das vezes, ganhando o status de peculiar e exótico. (CERRI, Luis Fernando & FERREIRA, Angela Ribeiro)

A análise das coleções didáticas aprovadas pelo PNLD 2012 revela que, embora haja uma crescente preocupação em incluir as mulheres nos conteúdos históricos, a abordagem ainda é superficial e limitada. As mulheres são frequentemente apresentadas em papéis secundários ou em contextos específicos, como a luta pela igualdade de direitos, mas raramente são apresentadas como protagonistas da história.
Além disso, a forma como as mulheres são representadas nas coleções didáticas reflete as desigualdades de gênero presentes na sociedade. As imagens e os textos muitas vezes reforçam estereótipos e preconceitos, contribuindo para a perpetuação de uma visão limitada e distorcida da história das mulheres.
É importante destacar que a inclusão das mulheres nos conteúdos históricos não é apenas uma questão de justiça histórica, mas também é fundamental para promover uma educação mais inclusiva e equitativa. A representação das mulheres nas coleções didáticas deve ser mais ampla e diversificada, incluindo suas realizações em diferentes áreas, como a ciência, a política, a arte e a cultura.
A análise das coleções didáticas também revela a importância de se considerar a materialidade dos impressos e as concepções que veiculam. A forma como os conteúdos são apresentados, a linguagem utilizada e as imagens escolhidas podem influenciar a percepção dos alunos sobre a história e as mulheres.
Em resumo, a análise das coleções didáticas aprovadas pelo PNLD 2012 destaca a necessidade de uma abordagem mais inclusiva e equitativa da história, que inclua as mulheres como protagonistas e não apenas como personagens secundárias. Isso requer uma mudança na forma como os conteúdos são apresentados e uma maior atenção à materialidade dos impressos e às concepções que veiculam.

DESENVOLVIMENTO
Para desenvolver a temática e verificar até que ponto as afirmações acima se confirmam ou não para os livros didáticos de história voltados ao ensino médio, esta monografia será dividida em itens, mas não necessariamente em "partes" ou "capítulos", pois expressam uma trajetória de pesquisa e análise bastante circunscrita. No primeiro item, "Coleções de cerceamentos", delinearei como as coleções didáticas estão premidas entre as políticas públicas de inclusão, do currículo e de avaliação dos livros didáticos e as empresas privadas que produzem esses materiais. Nos itens subsequentes, "Um novo olhar?", "As mulheres no terceiro milênio?" e "Onde se situa o debate?", analisarei cada coleção em particular e, especificamente, os capítulos dos livros que abordam o tema da ditadura militar e sua relação com as representações das mulheres no período, articulando com a questão da materialidade dos impressos. Nas considerações finais, farei um balanço do que foi investigado refletindo sobre a teia de cerceamentos que envolvem as representações das mulheres nos livros didáticos.
A escolha de livros didáticos de história como fonte para o objeto de estudo justifica-se como um novo modo de abordar as representações das mulheres nos embates contra a ditadura militar e sua relação com

finalidades educativas atribuídas ao ensino escolar, sobretudo o de história, e que são definidas pelas reformas educativas e políticas curriculares. Estas se materializam nas formas de produção, circulação e uso dos saberes e que devem garantir os valores que uma dada sociedade deseja reforçar, mudar ou perpetuar às futuras gerações. Esse estudo nos parece pertinente, pois poderá contribuir ao debate que envolve os livros didáticos de História, o seu papel no ensino de História para a redefinição de políticas culturais no ensino básico e, principalmente, as das relações de gênero. Também será investigado quando, como e por que as mulheres aparecem representadas, assim como sua ausência, posto que o fenômeno da representação se constitui no jogo entre presença e ausência.

Parto de quatro hipóteses a serem investigadas e confirmadas na monografia: 1) Qual a relação entre presença/ausência (representação) das mulheres na ditadura militar e a produção dos livros didáticos e os seus sistemas de avaliação? 2) Quais os limites das ideologias sexistas na sua relação com o mercado da produção didática na atualidade? 3) De que forma os livros didáticos de história ao atenderem as orientações curriculares e aos programas de avaliação são compelidos a incluir ou excluir determinados temas, no caso, a participação das mulheres na ditadura militar? 4) Os embates das mulheres que são representadas nestes livros estão restritas à luta armada? Aparecem outras formas de participação e luta como a dos movimentos sociais?

As reflexões de Roger Chartier acerca das relações entre um texto e o modo como chega ao leitor são fundamentais para abordar o fenômeno da representação em três dimensões: do suporte da leitura (materialidade do impresso), o texto (e o que se pretende impor ao leitor) e, por fim, as apropriações (as leituras possíveis que escapam da lógica da produção textual e material e os diferentes usos do impresso). Em outras palavras, na relação entre três polos: o texto em si; o objeto que comunica o texto e o ato que o apreende. Porém, é preciso deixar claro que este trabalho não irá tratar das apropriações dos leitores empíricos, pois demandaria um estudo sobre os usos dos livros em sala de aula e entrevistas com os docentes que exacerbariam o tempo destinado a essa pesquisa.

Quando nos deparamos com uma coleção didática precisamos levar em consideração aspectos de sua materialidade para entendermos o seu conteúdo e sua leitura, ainda que prescritas pelo editor. No estudo de Marta Maria Chagas de Carvalho e Maria Rita de Almeida Toledo sobre as coleções de livros destinados à formação de professores, pode-se aproveitar algumas sugestões para um roteiro de análise, ou melhor, dos dispositivos editoriais das coleções: ao lançar coleções de livros pretende- se baratear os custos para o comprador, em nosso caso, o próprio governo, por isso deve se estar atento às estratégias de padronização de cobertura (capa, lombada, quarta-capa), de estrutura interna (modelo de textos) e de divulgação, conferindo identidade à coleção; outro aspecto é a seleção de textos e autores que, em nosso caso, se dá pela citação e uso recorrente de livros indicados aos professores e aos alunos chancelados pelo editor; por fim, mas não menos importante, o aparelho crítico da coleção:

(...) os prefácios, as notas do tradutor e os comentários de especialistas introduzidos nos volumes que a compõem. O aparelho crítico é dispositivo de homogeneização dos livros e de sua integração à coleção, e ao mesmo tempo, dispositivo de produção de um diferencial: o volume pertence à Coleção apresenta-se como produto único, que oferece algo à mais para o leitor, além o texto publicado. O investimento no aparelho crítico pode promover a didatização da obra ou a sofisticação de sua apresentação. Em ambos os casos, é dispositivo de produção da unidade e da identidade da coleção. Assim, índices remissivos e onomásticos, prefácios, exercícios, sumários, temários, notas de tradução ou do editor, etc., adaptam o texto e o integram ao padrão da coleção. O aparelho crítico contém sempre uma proposta específica, que orienta o leitor para uma determinada forma de se apropriar do conteúdo do impresso ou do conjunto do qual ele pertence e, por meio dele, é possível entrever

o leitor destinatário, desenhado pelo editor.

Sendo assim, não podemos deixar de vislumbrar o papel que as editoras exercem nesse processo, mas também as especificidades de uma coleção de livros didáticos, isto é, que deve contar com leitores especializados para avaliá-los (agentes da noosfera) antes de sua publicação e aprovação final para a venda. Neste sentido, não cabe somente aos autores e editores à responsabilidade pela presença/ausência de determinados temas e conteúdo das coleções. Como sublinhou Sonia Regina Miranda e Tania Regina de Luca:

Cumpre destacar que para o segmento voltado para as compras do setor público importa menos a orientação metodológica ou a ideologia contida em uma coleção didática e mais a sua capacidade de vendagem e aceitação no mercado. Nesse contexto, o livro didático assume claramente sua dimensão de mercadoria, sujeita a múltiplas interferências em seu processo de produção e vendagem. A esse respeito, há que se reconhecer que os pareceres técnicos de exclusão acabaram desempenhando, por vezes, papel primordial no processo de reformulação de coleções, patente no fato de um dos conjuntos excluídos em determinado PNLD vir a ser recomendado com distinção na edição seguinte do programa, o que indica o quanto o processo de avaliação foi tomado a sério por certos autores e editores. (CARVALHO, Marta Maria Chagas de & TOLEDO, Maria Rita de Almeida)

Como escreveu Chartier há diferença entre o texto e o livro, cabe aos autores escreverem o texto, no entanto, quem efetivamente faz o livro é a editora7. O livro didático é um material destinado ao grande público de alunos e professores de diferentes regiões do Brasil e se trata de uma fonte importante de renda das editoras que os comercializa. Logo, estão intimamente vinculadas ao PNLD, pois sem a sua aprovação ficam em enorme prejuízo por investirem na elaboração do livro e depois não alcançarem as vendas, o que a lista de coleções aprovadas pelo PNLD possibilita. Por sua vez, o PNLD encontra respaldo para analisar as coleções a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), ainda que a avaliação não se reduza às diretrizes curriculares, mas também as especificidades teóricas e metodológicas da área de história, de ensino-aprendizagem, de editoração e do manual do professor.
Portanto, não podemos negar que o PNLD e os PCNs exercem significativa influência sobre a elaboração das coleções didáticas. Pois, se há um espaço menor das mulheres no embate contra a ditadura militar em relação aos homens, a pressão que as editoras exercem sobre a elaboração das coleções gera significativa influência sobre seus conteúdos, ou seja, não podemos concluir que a ausência ou a menor ênfase ao tema das mulheres possa ser atribuída necessariamente à negligência ou desinteresse dos autores. Não se trata do desconhecimento dos autores da historiografia recente que aborda os embates de mulheres contra a ditadura militar, até porque parte dessa historiografia aparece como indicação de leitura 9. A questão é: por que prevalece uma história pública em que os homens exercem a função de principais atores políticos do período? Parece haver mais um compromisso de atender uma tradição curricular que se sobrepõem as inovações pretendidas pelo conteúdo ou forma de apresentá-lo, pois o novo pode prejudicar a estabilidade comercial do que se encontra bem-sucedido, isto é, do negócio da venda das coleções didáticas, como escreveu Sonia Regina Miranda e Tania Regina de Luca:

O fato de uma obra não estar presente no Guia publicado pelo MEC traz efeitos financeiros indesejáveis que, em alguns casos, culminaram no desaparecimento de editoras e/ou em fusões de grupos editoriais (...) considerando-se o volume de recursos governamentais utilizados na aquisição e distribuição de livros didáticos, o setor editorial brasileiro estabeleceu fortes dependências em relação ao programa. (MIRANDA & LUCA, op. cit., p. 128.)

Por essa razão que das dezenove coleções avaliadas no PNLD de 2012, apenas duas optaram por uma história temática. Nas três

coleções que serão analisadas, até mesmo a de história temática, o período é apresentado de forma semelhante, como nas recorrentes fotografias de Lula e do comício das "Diretas, já!". Sempre privilegiando uma abordagem política e pública dos eventos sobre a ditadura militar.

Outro aspecto recorrente nas coleções é a ênfase no caráter crítico da ditadura militar, mesmo quando há uma preocupação em demonstrar aspectos como a do crescimento econômico do período, como na Coleção Novo Olhar. Geralmente há um predomínio da crítica ao autoritarismo, a repressão, a censura, a tortura e a morte. O livro Brasil, nunca mais é usado frequentemente em excertos e/ou como sugestão de leitura como forma de demonstrar as práticas de tortura e o caráter cruel do período. Nas sugestões de livros, filmes e sites há também muitas sugestões em comum, como os sites Memórias Veladas e Tortura Nunca Mais; os filmes O que é isso, companheiro? e Batismo de sangue. Fica patente que a memória que prevalece quanto à ditadura é de um período marcado pela repressão e pela tortura. De que modo a perspectiva crítica sobre o período encobre as lutas de outros setores sociais e das mulheres no período que não restrito à luta armada?

Na maioria dos conteúdos abordados nas três coleções há mais convergências do que divergências, sendo que na maior parte dos conteúdos apresentados sobre o regime militar são escolhidos os mesmos eventos e episódios, todavia, quanto ao movimento da jovem guarda, há uma diferença, pois na Coleção Novo Olhar é abordado como alvo de críticas por ser encarada como uma arte mais alienante. Não haveria aqui uma restrição para uma compreensão mais abrangente sobre o papel das mulheres no período?

Nos personagens apresentados também há recorrência nas figuras de Herzog, Henfil, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Chico Buarque, o estudante Edson Silva (morto pela Polícia Militar do Rio de Janeiro), Darcy Ribeiro, Glauber Rocha, Elis Regina, entre outros. No geral, nas três coleções há partes destinadas especificamente sobre as mulheres e ao reconhecimento de sua importância e participação nos eventos históricos, no entanto, a abordagem é feita em anexos, em textos suplementares ou ainda na parte destinada aos professores. No próprio capítulo que aborda a ditadura as mulheres aparecem com menor ênfase. As mulheres apresentadas são citadas como exemplos, mas nenhuma delas merece destaque como acontece com o cantor Chico Buarque, por exemplo, citado em um Box na coleção Novo Olhar como um "Sujeito na História" na qual é feita uma breve biografia do cantor destacando sua importância histórica. Em outras palavras, as mulheres aparecem, todavia em papel secundário, timidamente. Haveria uma tradição curricular que se manteria na abordagem desse período histórico percebido por meio de sua materialidade? Entretanto, há muitos estudos que demonstram a participação das mulheres nesse período em movimentos de esquerda e resistência como os estudos da historiadora Ana Maria Colling, assim como também da Elizabeth F. Xavier Ferreira, e também em movimentos de direita, na implantação e legitimação do golpe militar como aparece nos estudos da historiadora Janaína Martins Cordeiro. (CORDEIRO, Janaína Martins.
Direitas em movimento: a campanha da mulher pela democracia e a ditadura no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.)

As mulheres não se constituíam como um bloco homogêneo e sua militância não se reduziam necessariamente contra a ordem vigente, o engajamento pode ocorrer no sentido contrário, pela manutenção da ordem. Ou seja, as mulheres tiveram um papel ativo nos dois lados, esquerda e direita, contra e a favor da ditadura militar, bem como fora de toda a discussão política do período. No entanto, essas mediações foram pouco discutidas nas coleções aqui analisadas. Não pretendemos traçar juízos de valor sobre as razões dessa abordagem, mas entender os motivos dessas escolhas por meio da materialidade das coleções.

Como em toda coleção didática há forte presença das imagens coloridas e com a referida legenda. A maior parte delas é de homens, as mulheres aparecem em número reduzido e muitas vezes apenas como pano de fundo. Porém, no capítulo nove da coleção História em Debate que se refere especi-

ficamente as mulheres ("As lutas feministas no século XX"), a maioria são homens, 56%, embora o destaque do capítulo seja conferido à mulher. Há muitas fotografias de mulheres que lutaram contra a ordem vigente, como exemplos de mulheres engajadas. As mulheres são apresentadas como protagonistas de suas lutas, sempre contra a ordem corrente que as submetem e a restringem ao âmbito privado do lar, muitos exemplos de mulheres que lutaram em seu tempo por direitos políticos, sociais e sexuais são apresentados ao longo do capítulo. Há também alguns conceitos como feminismo e gênero assim como um frequente estímulo ao debate com os alunos sobre a situação atual das mulheres, pautando na ideia de que embora tenha havido muitas conquistas, ainda é preciso conquistar uma cidadania plena. O impacto do maior número de imagens dedicadas aos homens não seria maior do que a aprendizagem de conceitos novos como o de feminismo e gênero? Neste sentido, os dispositivos editoriais na seleção das imagens anulam ou atenuam a inovação nos conteúdos e conceitos com a permanência de uma tradição curricular que ainda apresenta os homens com os protagonistas da história como sinônimo de atuação política na vida pública?

Essas indagações são fundamentais para o estudo em questão e só podem ser respondidas quando se recorre à materialidade das coleções didáticas para entender o modo como as representações operam na manutenção e/ou modificação dos conteúdos dos textos e conceitos, bem como o tipo de leitura reforçada para seus usuários.

A análise das coleções didáticas aprovadas pelo PNLD 2012 revela que, embora haja uma crescente preocupação em incluir as mulheres nos conteúdos históricos, a abordagem ainda é superficial e limitada. As mulheres são frequentemente apresentadas em papéis secundários ou em contextos específicos, como a luta pela igualdade de direitos, mas raramente são apresentadas como protagonistas da história.

Além disso, a forma como as mulheres são representadas nas coleções didáticas reflete as desigualdades de gênero presentes na sociedade. As imagens e os textos muitas vezes reforçam estereótipos e preconceitos, contribuindo para a perpetuação de uma visão limitada e distorcida da história das mulheres.

É importante destacar que a inclusão das mulheres nos conteúdos históricos não é apenas uma questão de justiça histórica, mas também é fundamental para promover uma educação mais inclusiva e equitativa. A representação das mulheres nas coleções didáticas deve ser mais ampla e diversificada, incluindo suas realizações em diferentes áreas, como a ciência, a política, a arte e a cultura.

A análise das coleções didáticas também revela a importância de se considerar a materialidade dos impressos e as concepções que veiculam. A forma como os conteúdos são apresentados, a linguagem utilizada e as imagens escolhidas podem influenciar a percepção dos alunos sobre a história e as mulheres.

Em resumo, a análise das coleções didáticas aprovadas pelo PNLD 2012 destaca a necessidade de uma abordagem mais inclusiva e equitativa da história, que inclua as mulheres como protagonistas e não apenas como personagens secundárias. Isso requer uma mudança na forma como os conteúdos são apresentados e uma maior atenção à materialidade dos impressos e às concepções que veiculam.

A seguir, apresento algumas sugestões para melhorar a representação das mulheres nas coleções didáticas:

Incluir mais imagens e textos que apresentem as mulheres como protagonistas da história;

Diversificar as áreas de atuação das mulheres, incluindo a ciência, a política, a arte e a cultura;

Abordar temas como a igualdade de gênero, a violência contra as mulheres e a luta pelos direitos das mulheres;

Incluir atividades e exercícios que promovam a reflexão crítica sobre a representação das mulheres na história;

Capacitar os professores para abordar temas relacionados à igualdade de gênero e à inclusão de mulheres na história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a relação entre a materialidade das três coleções didáticas e o modo como incide nas representações das mulheres no embate contra a ditadura militar a fim de compreender as razões pela qual nas três coleções embora haja partes destinadas especificamente sobre as mulheres, ao reconhecimento de sua importância e
participação nos eventos históricos essa abordagem é feita em anexos, em textos suplementares, em capítulos separados ou ainda na parte destinada aos professores. Em outras palavras, as mulheres aparecem tanto no texto quanto nas imagens, todavia em papel secundário, timidamente. No geral, as coleções apresentam as mulheres, mas de maneira a atender a obrigações legais impostas pelo PNLD e não as demandas sociais legítimas.

Sendo assim, o PNLD exerce significativa influência, visto que sem a aprovação das coleções as editoras ficam em enorme prejuízo por investirem na elaboração do livro e depois não alcançarem as vendas, o que a lista de coleções aprovadas pelo PNLD possibilita. O PNLD, entre outras razões, foi criado com a responsabilidade de incluir grupos excluídos da sociedade e da história, como o caso das mulheres, por essa razão as coleções didáticas são avaliadas levando em consideração, entre outros, os critérios de não promover uma imagem negativa e não apresentar uma visão estereotipada da mulher, embora não haja nenhuma forma direta e explícita de promoção negativa da mulher nas coleções, a ausência da sua participação nos processos históricos contribui para a perpetuação de uma visão secundária de sua atuação, no entanto, mesmo que as coleções não descumpram o critério estabelecido pelo PNLD, notamos que esses critérios não são suficientes.

Por sua vez, o PNLD encontra respaldo nos PCNs para analisar as coleções e mesmo o PCNEM preconizando uma organização de conteúdos diferente da linear- cronológica, que possibilitaria trabalhar com diferentes temporalidades há ainda nas coleções didáticas, mesma nas que se intitulam temática ou integrada, a recorrência numa organização linear-cronológica, visto que, o objetivo principal das editoras ao confeccionar uma coleção é ser aprovada pelo PNLD e ter sucesso de venda e, nesse contexto, a inovação curricular não é o interesse que norteia a produção de uma coleção didática.

As editoras preocupadas com a aprovação e posteriormente em serem escolhidas, geralmente, pelos professores nas escolas, continuam seguindo uma tradição em organização curricular que garante o sucesso de venda das coleções e não coloca em risco esse lucrativo negócio. Sendo assim, a organização do currículo de forma linear- cronológico se tornou um porto seguro para aceitação e venda das coleções didáticas pelas editoras. Ou seja, as omissões, as exclusões e as ideologias sexistas não se constituem numa clara concepção de história a ser seguida pela editora em detrimento de outra, mas de uma concepção de história difusa que tenta contemplar o mercado, os novos temas e metodologias sem se desprender da própria história das edições didáticas no Brasil. Há um constante embate entre tradição e inovação curricular que é ocultado no processo de produção editorial das coleções e que, dificilmente, se tornam explícitas para professores, alunos e, por que não dizer, no próprio produto final da editora. Ao passar pelas mãos de inúmeros profissionais, tais como autores, diagramadores, elaboradores de exercícios, banco de dados de imagens disponíveis pela editora e o seu processo de seleção, as concepções de história e as ideologias sexistas contidas nas coleções didáticas ficam perigosamente diluídas, abrindo espaço para todo tipo de esquecimentos, enquadramentos e generalizações.

Além disso, é importante destacar que a forma como as mulheres são representadas nas coleções didáticas reflete e reforça as desigualdades de gênero presentes na sociedade. A ausência ou a representação secundária das mulheres nos processos históricos contribui para a perpetuação de estereótipos e preconceitos, limitando as possibilidades de identificação e empoderamento das alunas.

A inclusão de mulheres em papéis secundários ou em contextos específicos, como a luta pela igualdade de direitos, não é suficiente para promover uma visão abrangente e equitativa da história. É necessário que

as coleções didáticas apresentem uma visão mais ampla e diversificada das experiências e contribuições das mulheres, incluindo suas realizações em diferentes áreas, como a ciência, a política, a arte e a cultura.

Para superar essas limitações, é fundamental que os professores e as editoras trabalhem em conjunto para desenvolver materiais didáticos mais inclusivos e representativos. Isso pode incluir a criação de recursos adicionais, como suplementos e atividades, que complementem as coleções didáticas e promovam uma visão mais ampla e equitativa da história.

Além disso, é importante que os professores sejam capacitados para abordar temas relacionados à igualdade de gênero e à inclusão de mulheres na história, de modo a promover uma educação mais justa e equitativa para todos os alunos.

Todos esses cerceamentos econômicos e políticos que envolvem a produção dos livros didáticos geram a superficialidade, fragmentação e a diluição das finalidades educativas, afastando uma inovação curricular e assim também afastando novos atores sociais, como as mulheres.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Marta Maria Chagas de & TOLEDO, Maria Rita de Almeida. "Os sentidos da forma: análise material das coleções de Lourenço Filho e Fernando Azevedo". In: OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de (org.). Cinco estudos em História e Historiografia da educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 93.

CERRI, Luis Fernando & FERREIRA, Angela Ribeiro. "Notas sobre as demandas sociais de representação e os livros didáticos de História". In: OLIVEIRA, Margarida Dias de; STAMATTO, Maria Inês Sucupira (orgs.). O livro didático de história: políticas educacionais, pesquisas e ensino. Natal: EDUFRN, 2007.

CHARTIER, Roger. "Textos, impressão, leituras". In: A História Cultural: entre práticas e representações. Col. Memória e sociedade. Maria Manuela Galhardo (trad.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

COLLING, Ana Maria. A resistência da mulher à ditadura militar no Brasil. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

CORDEIRO, Janaína Martins. Direitas em movimento: a campanha da mulher pela democracia e a ditadura no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

FERREIRA, Elizabeth F. Xavier. Mulheres, militância e memória: histórias de vida, histórias de sobrevivência. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

MIRANDA, Sonia Regina & LUCA, Tania Regina de. "O livro didático de história hoje: um panorama a partir do PNLD". In: Rev. Bras. Hist, vol. 24, n.48, São Paulo, 2004, p. 128. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882004000200006&script=sci_arttext (acesso: 15 mar. 2024).